



Leitura de uma anatomia: a poesia brasileira contemporânea e os ossos do ofício

por Susanna Busato

O que vem a ser a poesia contemporânea? Esta pergunta nunca cessa e, sempre presente incomoda, como este tempo do agora, que urge na sua presença transitória como um osso engatado na garganta do discurso crítico, pois já não podemos mais precisar com segurança a natureza daquilo que é fugidio, este *hic et nunc* da existência. Este prólogo é para desenhar a cautela com que minha leitura se manifesta diante de uma coletânea de poemas que, cada um a seu modo, marca sua presença neste ambiente do agora da poesia brasileira.

Reunidos aqui treze poetas e suas produções, o leque que abro à minha leitura é o de uma mostra muito pequena do que hoje é produzido no Brasil. Daí a dificuldade de traçar um juízo anatômico das linhas que sustentam essa poesia. Ainda que o exercício da leitura seja fadado à controvérsia iminente, ainda assim urge que seja feito.

Mencionar a diversidade como um traço da poesia contemporânea pouco informa hoje ao leitor. A diversidade é um fato. Resta saber como esse espectro se projeta como poesia no agora. E qual a natureza dessa poesia no trânsito que ela habita e que ela mesma movimenta. A partir da leitura dos poemas, provisoriamente acabei separando o conjunto em dois grupos, em termos de uma dominância de tom: uma poesia que se faz representar como mistério, por força da pulsão imagética que a domina; e uma poesia que se volta mais para aspectos de estrutura sintagmática. Evidentemente que este agrupamento não é estanque e apenas serve como vetor para a leitura dos poemas. Há de se perceber dentre eles, como o leitor poderá

conferir, que os poemas se estruturam dentro de uma lógica que lhes é própria. Como diz um dos versos do poeta Luís Costa: "O poema constrói a sua própria realidade".

Poesia e pulsão imagética.

Um dos vetores presentes na produção da maioria dos poetas aqui reunidos é o da poesia que explora a imagem como núcleo gerador do que chamarei de "mistério". Poesia como mistério, que se faz estruturar por meio de um paradigma que percorre, no eixo semântico, o mítico, o mágico e o religioso, de forma a construir o hermetismo de um universo que se transmuta numa surrealidade, ou estranheza, em termos de linguagem. Uma poética das estranhezas, eu diria, que se vale de um preciosismo vocabular que lhe dá esse caráter, ou ainda, de um vocabulário que se nutre de um jargão próprio de um universo de referências extralinguísticas. A lírica no Brasil já se nutriu desse caráter no período Barroco, Parnasiano e Simbolista. Aspecto que tange a linguagem de certa aura, moldura que a separa do universo mundano, cotidiano, prosaico. Está na base dos poemas a que me refiro nesta coletânea uma noção de poesia como universo híbrido de referências, que lança mão do dispositivo combinatório do eixo sintagmático para organizar, sem lógica aparente, as imagens que vão se encadeando e construindo uma atmosfera sugestiva de caráter abstrato. Poderíamos aventar a hipótese de parte dessa poesia situar-se próxima do que hoje entendemos como poesia "neobarroca", mas não gostaria de desenvolver aqui essa questão, pois exigiria uma demanda maior de espaço de reflexão, que não cabe neste momento.

Pela retórica de sua dicção, parte da poesia que vejo representada aqui nesta coletânea nutre-se de um vetor que busca o poético na semântica das imagens singulares, que se valem de elementos concretos tirados ao mundo, para promover um universo enigmático de referências, em busca do sublime. Na fragmentação sintática, muitas vezes marcada pelo procedimento da enumeração caótica, percebe-se o movimento gerado para um efeito de sentido que aponta, muitas vezes, para o hermetismo da construção. Uma poesia que lida com um universo corpóreo de vísceras e ossos, de animais mínimos, rasteiros, como a querer ensejar aí uma voz em busca pela ossatura de origem da própria poesia como pedra que se trabalha como joia rara, com valor encantatório. Poderia dizer que uma atmosfera surrealista

emerge da construção dessa ossatura semântica, que tem sua estrutura postada numa sintaxe fragmentada. A profusão metafórica é intensa. Na poesia de Adriana Zapparoli e de Luís Costa esse mecanismo é claro. Constrói-se ao final de cada poema um quadro de signos que apontam uns para os outros, como a questionar o leitor e a evocar sua participação sensorial. Na poesia de Everardo Norões, há também esse mecanismo, muito embora se perceba nos poemas um núcleo do qual o espectro imagético brota e retorna, oferecendo ao leitor a possibilidade de fruir de um quadro cuja moldura é mais perceptível. Assim também percebo os poemas de Andreia Carvalho e Beatriz Bajo, ainda que os poemas desta última, do movimento imagético, de profusão semântica, emergja uma temática humana e social, perfazendo um contraste com os demais poemas do conjunto de poetas que menciono aqui, que transcendem o humano para perscrutarem questões de natureza mais espiritual. As questões sociais ou as questões humanas como o amor e a maternidade tomam o foco na poesia de Beatriz Bajo. Na poesia de Marcus Fabiano e em sua prosa poética, apresentadas aqui na coletânea, a dicção densa do seu trabalho de construção imagética, entre o paradigma místico e o discurso filosófico, vai criando uma densa camada de sentidos que se proliferam como a desenhar um labirinto enunciativo para o leitor.

Nos poemas de Marcella Andresa Becker e de Amosse Mucavele, destaco o elemento de erotismo. A poesia de Mucavele desenvolve-se em meio à alegoria do fazer do arquiteto que molda nas formas da cidade a forma do desejo e a pulsão sexual. Na poesia de Becker, o erotismo se busca na sugestão dos aspectos figurativos, que irão desenhar as sensações e os desejos do sujeito. Percorrem os versos uma ressonância sonora, como a criar uma convergência de corpos, emergindo como figura do desejo no poema.

Poesia como construção.

Alberto Lins Caldas, Alexandre Guarnieri e Delmo Montenegro. Estes três poetas, na coletânea que se apresenta aqui, ligam-se por meio de uma consciência estrutural da forma sintagmática, muito mais do que pelos aspectos imagéticos. Quero com isso dizer que a tônica volta-se para um dado mais objetivo do discurso, que se volta para a sua própria construção. Mais do que uma reflexão *sobre* o objeto do discurso poético, os poemas procuram centralizar

essa ideia neles próprios, à medida que eles acontecem na leitura. Cada poeta tem uma dicção que lhe é própria e agrupá-los aqui talvez fosse um equívoco, se não houvesse essa percepção para com o esqueleto sintagmático do poema. O que percebo aqui é o uso do processo combinatório do sintagma como o eixo roteirizador da poesia. O ritmo da sintaxe emerge a marcar o encadeamento das palavras, que têm na sua semântica a intenção da concretude do objeto. Uma poesia, eu diria, mais precisa no direcionamento semântico e não efusiva, como percebo nos demais poetas da coletânea. Além do ritmo, a exploração sonora das palavras entra na construção como a projetar no eixo do paradigma a metáfora do traço responsável pela arquitetura do poema. O ritmo se tece como a reverberar o objeto que vai se construindo aos poucos nos poemas. Isso pode ser percebido na poesia de Delmo Montenegro, por exemplo, em que o ritmo com que o verso se fragmenta no espaço constrói a imagem do “samba de uma mão só [a fantasma]”, que vem depois representada pelas letras deslocadas verticalmente nas sílabas dos versos, como a construir, no seu ritmo, uma hesitação marcada pelas batidas finais de uma percussão.

O poema de Alberto Lins Caldas lança mão de uma marca gráfica, que é repetida no início e no fim de cada verso. Sua presença parece figurativizar a moldura do verso, que se fragmenta e, assim, sugere, na leitura, uma postura do leitor a perceber efeitos de sentido emergentes desse procedimento. A leitura permite a correspondência quase automática com a imagem dos “seixos” que iniciam o poema, comportando-se como figura a emanar todo um discurso que se torna erótico, na sua referência ao corpo que habita o líquido e as pedras em contraste com a vida, percebida como negação da leveza com que o sujeito lírico lê o fluxo do paradoxo da existência. Isso parece presentificar a cada verso a necessária existência dessa marca gráfica como imagem, que oblitera o fluxo vital de que fala o poema, para um olhar mais contido na perscrutação da relação vida e morte.

Alexandre Guarnieri tem em seus poemas uma percepção do processo combinatório do eixo do sintagma como célula organizadora do discurso poético. Como linhas de uma arquitetura, tecem os versos a descrição minuciosa do corpo do objeto como exercício de reflexão. Uma descrição que singulariza o objeto, retirando de seu reconhecimento prosaico algo de natureza interna, como se fosse um corpo que se moldasse aos poucos para o leitor.

Destaco “Pedra fundamental”, não somente por se expressar como consciência crítica do elemento material da poesia, mas como exemplo desse processo de construção dos versos, a que me referi acima, que têm na sua memória de poema a poesia de João Cabral de Melo Neto, principalmente pelo processo de fragmentação sintática, cujo ritmo encontra na repetição e na pontuação a obliteração do fluxo enunciativo, promovendo no discurso objetividade e reflexão na descrição do objeto.

A poesia de Pedro Granados comparece aqui por meio de uma tradução assinada por Leila Yatim. O poema faz a descrição da cidade de Samaypata, no Peru. Tecem os versos, por meio de uma dicção objetiva, de contornos sintáticos condensados, a memória particular do lugar, reduzido a uma visão disfórica, ainda que o passado do sujeito, que emana como voz a mirar e a mirar-se nesse espaço e tempo que retorna, se nutra de algumas lembranças menos marcadas pela imagem da morte.

Numa outra ponta, a poesia de Omar Salomão ainda transita por uma linguagem fluida, centrada no sujeito que, livremente, expressa a sua percepção fugidia das coisas numa dicção descompromissada com um rigor estético maior que me faça situá-la num ou noutro paradigma que estruturei aqui. A enumeração de imagens, que da memória parecem brotar, sugere o desenho de uma ideia de vazio, que tematicamente emerge na referência ao “homem” ou a uma condição de existência em fuga ou naufraga. A linguagem com que essa temática é sugerida é construída sobre uma dicção que se apoia no prosaico da vida e da fluidez do discurso.

Ao final deste breve comentário que faço aos poemas de treze poetas aqui elencados por esta pequena coletânea, pergunto: como o leitor pode adentrar esse universo, fazer parte dele, reconstruí-lo? Essa poesia, ainda que nasça da existência alegorizada ou objetivada do mundo, parece distanciar-se, em alguns momentos, do cotidiano do sujeito que a lê. Distância que pode gerar algo negativo por um lado, por conta do hermetismo que se molda à leitura; por outro, pode conferir à poesia seu estado de pureza, em termos de definir-se como um código a ser decifrado, pois ela fala uma outra língua. Esse mecanismo será mais intenso em alguns dos poetas citados aqui do que em outros. Teríamos aqui, nesse recorte, uma poesia

que tem na invenção de um universo de “suspensão” do real imediato o lugar de um fazer poético que se deseja sublime na sua referência a elementos de natureza disfórica e singular, que configuram no seu todo um universo retorcido, rugoso, violento, por um lado; e, por outro, um universo místico, que evoca o sagrado e todo um universo híbrido de seitas e culturas, como a construir no espaço do poema um *locus* evocador da poesia como mistério e como movimento centrípeto das referências do mundo. Ao mergulharem no âmbito do poema, transfiguram-se em signo de uma linguagem que roteiriza uma via para o poético, que, por uma via, se evade do urbano e do cotidiano, como referência, para recuperar o que considera sublime num universo suprarreal de referências; e por outra, se volta para um universo pensadamente construtivo e objetivador da realidade. Ao leitor deixo os ossos do ofício da leitura, ou melhor, as rédeas, que o guiem pela anatomia destes poemas.